

## MUSSA RACUA E NAFTAL: VIOLÊNCIA COLONIAL

## MUSSA RACUA E NAFTAL: COLONIAL VIOLENCE

Eliane dos Santos Ramos

Patrícia Sautiro Fernandes

Socorro Helení Velasques Gonçalves Ferreira Lima

Universidade Federal de Rondônia

**Resumo:** Neste trabalho propomos analisar dois contos do livro “Ninguém Matou Suhura: estórias que ilustram a História” (2009), de Lília Momplé, voltados ao tema da exploração e violências vividas durante a colonização portuguesa em Moçambique. Com base na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais, desenvolveremos uma análise que evidencie os abusos físicos e emocionais presentes nos contos “Caniço” e “Aconteceu em Saua-Saua”. Ambos os contos retratam a vida de personagens que sofreram com os processos de dominação, exploração, trabalho escravo, violência e miséria que permeava espaço das narrativas. E, com base nos argumentos dos críticos dos estudos pós-coloniais de Albert Memmi, Fantz Fanon, Louis Althusser, José Luís Cabaço e Thomas Bonnici, pretendemos evidenciar os impactos do colonialismo sobre os personagens colonizados, a subalternização que estavam destinados, o embate entre colonizado e colonizador, os aparelhos repressivos de estado, a tensão atmosférica que permeava a vida dos protagonistas e as tentativas de resistência de Mussa Racua. Através dos estudos críticos e da literatura que influencia o meio social, pretendemos desmistificar o processo de colonização portuguesa que, na realidade, foi um processo de extrema violência que deixou grandes marcas na vida dos personagens.

**Palavras-Chave:** Lília Momplé; Estudos Pós-Coloniais; Caniço; Aconteceu em Saua-Saua.

**Abstract:** In this paper we propose to analyze two tales from the book "Ninguém Matou Suhura: estórias que ilustram a História" (2009), by Lília Momplé, focused on the theme of exploitation and violence experienced during the Portuguese colonization in Mozambique. Based on the critical approach of postcolonial studies, we will develop an analysis that highlights the physical and emotional abuses present in the short stories "Caniço" and "Aconteceu em Saua-Saua". Both stories portray the lives of characters who have suffered from the processes of domination, exploitation, slave labor, violence and misery that spread throughout the narratives. Based on the arguments of the critics of postcolonial studies of Albert Memmi, Fantz Fanon, Louis Althusser, José Luís Cabaço and Thomas Bonnici, we intend to highlight the impacts of colonialism on the colonized characters, the subalternization that they were destined, the clash between colonized and colonizer, the repressive state apparatuses, the atmospheric tension that permeated the lives of the protagonists and Mussa Racua's attempts at resistance. Through critical studies and literature that influences the social environment, we intend to demystify the process of Portuguese colonization, which, in reality, was a process of extreme violence that left deep marks on the lives of the characters.

**Key-words:** Lília Momplé; Postcolonial studies; Caniço; Aconteceu em Saua-Saua.

**Recebido em 31 de julho de 2023**

**Aprovado em 30 de dezembro de 2023.**

## 1 Introdução

A autora Lília Maria Clara Carrière Momplé, nascida em Nampula, Moçambique, em 1935, é formada em Serviço Social e é membro de honra da Associação dos Escritores Moçambicanos. Em seus trabalhos, ela aborda temas como gênero, raça e classe social. O seu livro, *Ninguém Matou Suhura*, foi publicado pela primeira vez em 1988 e tem como pano de fundo o período de colonização de Moçambique. A obra é composta por cinco contos: “Aconteceu em Saua-Saua”, “Caniço”, “O baile de Celina”, “Ninguém matou Suhura” e “O último pesadelo”.

Embora todos os contos do livro possuam uma releitura do período de colonização de Moçambique, este trabalho delimita-se a analisar os dois primeiros contos da obra. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é analisar os contos “Aconteceu em Saua-Saua” e “Caniço”, do livro *Ninguém Matou Suhura: histórias que ilustram a História* (2009), da autora moçambicana Lília Momplé. Os contos retratam a vida de dois personagens comuns que foram impactados pelo período de colonização portuguesa em Moçambique. Esta análise busca investigar a maneira como são abordados o colonialismo e a violência nos contos de Lília Momplé, bem como destacar as estratégias utilizadas para dominar os personagens Mussa Racua e Naftal.

Com base na abordagem crítica dos estudos pós-coloniais, desenvolveremos uma análise que evidencie a violência física e psicológica, a dominação, a subjugação, a tentativa de resistência e a opressão a que os personagens da obra foram submetidos. Com base nisso, utilizaremos os autores críticos como Albert Memmi, Frantz Fanon, Gayatri Spivak, Louis Althusser e José Luís Cabaço que abordam conceitos importantes sobre a temática do pós-colonial.

Os contos da obra têm o propósito de denunciar o colonialismo e promover uma releitura para desmistificar e ressignificar esse período de extrema violência que ocorreu em nome de uma suposta “missão civilizatória”. O objetivo de tal missão era levar a cultura do europeu para a colônia e impor a “civilização” ao colonizado.

## 2 Colonialismo e literatura pós-colonial

O colonialismo, definido por Thomas Bonnici, “consiste na opressão militar, econômica e cultural de um país sobre o outro, como foi a invasão europeia na África

[...]” (BONNICI, 2005, p.21). O principal motivo para os europeus irem à colônia era o lucro e as vantagens pessoais que teriam a partir do momento que deixassem a metrópole e partissem para a cidade que seria colonizada. O processo de colonização foi marcado pela violência colonial, pela exploração dos povos que foram inferiorizados e marginalizados, assim como pela destruição cultural a partir do momento em que os europeus impuseram a sua cultura sobre a colônia.

No livro *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), Albert Memmi desconstrói a ideia de que o processo de colonização foi algo natural em que homens, inspirados por um espírito aventureiro, foram explorar territórios distantes e levaram conhecimento, cultura e fé para os povos que habitavam no local. O primeiro “retrato” a ser esmiuçado na obra, é o do colonizador. O autor nos apresenta dois tipos: “o colonizador que se recusa” e “o colonizador que se aceita”. O primeiro tipo refere-se aos europeus que chegando à colônia não conseguiam negar o que viam e não aceitavam a colonização. Restavam, então, duas alternativas que consistiam em partir ou permanecer na colônia, negando o sistema colonial. Já o segundo grupo, o “colonizador que se aceita”, refere-se àqueles que aceitavam o sistema colonial e tudo o que ele implicava. Segundo Memmi,

Aceitando-se como colonizador, aceita, ao mesmo tempo, embora tenha decidido ir além, o que esse papel implica em condenação, aos olhos dos outros e ao seus próprios. Essa decisão não lhe traz, de forma alguma, uma bem-aventurada e definitiva tranquilidade de alma. [...] no momento mesmo que triunfa, admite que triunfa dele mesmo uma imagem que condena. (1977, p. 56).

O colonialista explorava o colonizado, mas sabia que precisava dele e, por isso, tentava diminuí-lo: “Ao mesmo tempo, devendo seus privilégios tanto à sua glória quanto ao aviltamento do colonizado, obstinar-se-á em aviltá-lo. Utilizará para descrevê-lo as cores mais sombrias: agirá, se for preciso, para desvalorizá-lo, para anulá-lo.” (MEMMI, 1977, p. 58).

Quanto ao “retrato” do colonizado, foram-lhe atribuídas características negativas como, conforme citado por Memmi (1977) e Fanon (1968), a figura de ladrão, preguiçoso e débil. Essas características faziam parte de um discurso colonial cujo objetivo era inferiorizar os colonizados para que, assim, pudessem dominá-los.

Segundo Bonnici (2009), houve a divisão do mundo entre o “*Outro*” e o “*outro*”. O primeiro termo, refere-se ao colonizador europeu que impôs sua cultura sobre a colônia e tornou-se o centro de referência para os colonizados. Já o segundo termo, refere-se aos colonizados que foram explorados e tinham a sua cultura inferiorizada. Ainda de acordo com Bonnici,

A opressão, o silêncio e a repressão das sociedades pós-coloniais decorrem de uma ideologia de sujeito e de objeto mantida pelos colonizadores. Nas sociedades pós-coloniais, o sujeito e o objeto pertencem a uma hierarquia em que o oprimido é fixado pela superioridade moral do dominador. O colonizador [...] se impõe como poderoso, civilizado, culto e forte, versado na ciência e na literatura. Por outro lado, o colonizado é descrito constantemente como sem roupa, sem religião, sem lar, sem tecnologia, ou seja, em nível bestial. É a dialética do sujeito (agente) e do objeto (*o outro*, subalterno). (2009, p. 265).

A ideologia está presente nas relações coloniais e é definida por Althusser (1980) como um “[...] sistema de ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social” (1980, p. 69). Dessa forma, é possível afirmar que havia uma ideologia colonial que perpassava e contaminava as camadas sociais da colônia, em que europeus colonizadores oprimiam, desumanizavam e exploravam os colonizados. Constata-se assim, o que destaca Roland Corbisier, no prefácio do livro *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador* (1977), de Albert Memmi, “complete-se ou arremata-se, assim, com a fabricação da ideologia, a nova totalidade em que se converte o país colonial. Nada mais poderá escapar à engrenagem que se monta, articulando e configurando a vida econômica, social, política e cultural da colônia.” (1977, p. 7). Mais adiante, Memmi afirma que a situação colonial fabrica colonialistas e colonizadores, evidenciando a influência que a ideologia e as relações sociais exercem no meio social.

No estudo em tela, reconhecemos essa implicação mútua, pois a colonização em Moçambique é abordada em sua literatura, e esta, muitas vezes atuou em voz de denúncia e alimentou o desejo pela autodeterminação política e pela reafirmação identitária.

Moçambique é um país africano e uma ex-colônia portuguesa. Os portugueses chegaram a Moçambique no final do século XV com a chegada de Vasco da Gama, mas o território foi efetivamente colonizado pelos portugueses em 1884, com a conferência de Berlim. Em 1975, Moçambique conquistou a sua independência após uma guerra que durou 13 anos, de 1961 a 1974.

A literatura moçambicana é muito importante, pois apresenta o período da colonização e as personagens retratam a vivência na colônia e o sofrimento causado pelo período de colonização. As obras abordam com uma grande riqueza de detalhes na descrição dos espaços e atividades cotidianas que revelam todo o sentimento de um povo subjogado, desfazendo as imagens idealizadas dos colonizadores e da colonização como pessoa e nações abnegadas, cuja missão era levar a “civilização” e propagar a fé noutras terras.

Segundo Thomas Bonnici (2009) a literatura pós-colonial é aquela que, no contexto de cultura, foi/é afetada pelo processo de colonização europeia. E a crítica pós-colonial “abrange a cultura e a literatura, ocupando-se de perscrutá-las durante e após a dominação imperial europeia, de modo a desnudar seus efeitos sobre as literaturas contemporâneas” (BONNICI, 2009, p. 267).

A partir dessa visada, a ênfase em analisar as personagens e as situações que sofreram com a colonização, está alinhada à proposta da teoria pós-colonialista, uma vez que esta pretende dar visibilidade às obras que denunciam a construção de um discurso que favoreceu a exploração das colônias.

A literatura pós-colonial é de extrema importância por abordar questões relacionadas ao período de colonização e os seus vestígios deixados na sociedade após a independência dos países que foram colonizados. Segundo Nenevé e Sampaio (2016), “a literatura pós-colonial revela este desejo de recuperar a voz subalterna que oferece um contradiscurso, ou uma contranarrativa ao discurso europeu, ao eurocentrismo e etnocentrismo.” (p. 17). A partir disso, é possível refletir e desmistificar o período de colonização.

Nesse contexto, Lília Momplé, por meio da literatura moçambicana, aborda em sua obra o meio social do colonialismo e nos apresenta uma realidade cruel a que os colonizados eram submetidos. Nesse sentido, suas “estórias” consistem na versão da história até então silenciada e camuflada pela história contada pelo colonizador.

### **3 Mussa Racua e Naftal: colonialismo e violência**

No livro *Ninguém matou Suhura*, de Lília Momplé, é possível encontrar uma nítida denúncia contra os colonizadores. Nos dois contos que serão analisados neste trabalho, há o retrato de dois personagens comuns, habitantes de Moçambique, na África,

que sofreram com a violência e a exploração, bem como estavam imersos em um discurso colonial que os inferiorizava e oprimia.

O conto “Aconteceu em Saua-Saua”, que possui um narrador onisciente, e se passa em 1935, conta a história de Mussa Racua, um trabalhador que precisava colher oito sacos de arroz para quitar a dívida com a administração colonial afim de não precisar trabalhar na plantação de sisal, pois, segundo Costa (2015), os negros eram obrigados a pagar impostos ao governo colonial ou com dinheiro ou com trabalho, o que gerou, conseqüentemente, o trabalho forçado.

Segundo Jean-Paul Sartre, conforme está no prefácio do livro *Condenados da Terra* (1968), de Fantz Fanon, o trabalho forçado consiste em “nada de contrato; além disso, é preciso intimidar; patenteia-se portanto a opressão” (1968, p. 9). Dessa forma, compreende-se também que os europeus, além de invadirem o território que pertencia aos nativos da região, impuseram a eles a obrigação de pagar impostos e, caso não tivessem como pagá-los, os submetiam a um trabalho degradante que, como o nome sugere, era contrário à vontade dos habitantes da colônia.

O personagem Mussa Racua foi vítima da seca, que segundo boletins meteorológicos moçambicanos chega a durar meses, tendo a menor precipitação em setembro<sup>1</sup>. A partir disso, iniciou-se uma longa jornada em busca da ajuda dos amigos para conseguir os dois sacos de arroz que faltavam para pagar o imposto. A narrativa tem início com a última esperança do personagem, o amigo Abudo, mas Mussa Racua é surpreendido ao saber que ele também não conseguiu a quantidade necessária de arroz. Abudo diz ao amigo:

Vem essa gente da Administração e marca-te um terreno. Dão-te sementes que não pediste e dizem: tens que tirar daqui três sacos ou seis ou sete sacos, conforme lhes dá na cabeça. E se por qualquer razão adoecemos ou não cai chuva, ou a semente é ruim, e não conseguimos entregar o arroz que eles querem, lá vamos nós parar às plantações. (MOMPLÉ, 2004, p. 12)

Com esta fala, refletimos a respeito da falta de empatia dos administradores que não se importavam em compreender os motivos pelos quais os personagens do conto não conseguiam colher o arroz, evidenciando que eles visavam apenas o lucro. Foi possível

---

<sup>1</sup> Segundo análise intitulada **Clima e condições meteorológicas médias em Nampula no ano todo Moçambique**, disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/101091/Clima-caracter%C3%ADstico-em-Nampula-Mo%C3%A7ambique-durante-o-ano>.

também, através desta fala, observar o trabalho forçado a que os colonizados eram submetidos sem nenhum suporte ou ajuda: tinham que plantar para colher e, caso não conseguissem, eram obrigados a trabalhar ainda mais, muitas vezes, longe de casa. Segundo Albert Memmi (1977) o trabalho de três colonizados não pagava o trabalho de um operário qualificado que era levado pelos colonos. Então, eles precisavam do trabalho dos colonizados, que precisavam “só” dos braços para o trabalho, para gerar cada vez mais lucro.

Durante a conversa com o amigo, Abudo repete algumas vezes ao Mussa: “o colono é que manda” (MOMPLÉ, 2004, p. 13). Assim, podemos dizer que dois flagelos atingem o personagem do conto: a seca e a administração colonial que se apropriou de sua terra, de seu corpo e de sua produção.

Mussa Racua, ao voltar para casa, imaginou que, em breve, deixaria de ser um ser humano, para se tornar um animal que trabalhava desde o amanhecer até o anoitecer, reforçando a ideia de desumanização apresentada por Memmi (1977) que foi mencionada anteriormente. Quando chegou em sua palhota<sup>2</sup> sem os sacos de arroz, Mussa viu a sua esposa que estava grávida e lembrou de tudo o que viveu no tempo em que precisou ir à plantação:

[...] E tinha ouvido de outros que lá estiveram como é dura a vida na plantação e quanto prejuízo traz aos homens que para lá vão e deixam a sua casa. Outros morrem por lá, sem consolo da família. Outros ainda voltam cegos. Basta um gesto menos atento ao cortar o sisal e pronto, um espinho enfia-se pelo olho de um homem. E todos regressam doentes e estropiados, moídos de pancada e de trabalho sem recompensa. (MOMPLÉ, 2004, p. 17)

O espaço da plantação é descrito de forma dolorosa pelo personagem e vemos que os homens não tinham comida digna nem suficiente para sustentá-los trabalhando o dia inteiro no sisal, eles eram espancados e trabalhavam até doentes. No excerto acima há também uma denúncia contra a violência que os colonizados sofreram. Quando Mussa Racua retornou da plantação, quando foi pela primeira vez, ele não encontrou nada do que tinha antes de ir: havia perdido a primeira esposa, a sua casa estava abandonada e ele havia perdido todas as criações de animais.

Podemos identificar, através do pensamento de Mussa Racua que o narrador nos revela, a sua angústia e os efeitos da colonização descritos por Albert Memmi, “por pouco

---

<sup>2</sup> O termo refere-se à residência dos moçambicanos.

que dure a colonização, perde até a lembrança de sua liberdade; esquece o que ela custa ou não ousa mais pagar seu preço” (MEMMI, 1977, p. 87).

Após muito refletir, tentar encontrar alguma solução para o seu problema e não suportar imaginar a dor que enfrentaria novamente: “Não, não posso aguentar outra vez tanto sofrimento – pensa ele - há outros que aguentam, mas eu não posso. É melhor morrer. Não acordar nunca mais. Não ser mais um animal. Não voltar mais e ver que a minha mulher foi com outro homem.” (MOMPLÉ, 2004, p. 18), decidiu acabar com toda a dor “E de repente, a solução há tanto tempo procurada surge-lhe tão simples, tão natural, tão evidente, que se admira de a não ter encontrado muito antes” (MOMPLÉ, 2004, p. 18). Como um ato de protesto e de resistência ao sistema colonial, Mussa Racua foi encontrado na manhã seguinte enforcado em uma mangueira com um saco de arroz tombado no chão. A liberdade para Mussa Racua custou muito e ele ousou pagar o preço, suicidando-se.

Anatol Rosenfeld, a respeito do papel das personagens, afirma que “muitas vezes, debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam situações limites em que se revelam aspectos essenciais da vida humana [...]” (ROSENFELD, 2000, p. 45). No conto, portanto, Mussa Racua, diante da impossibilidade do enfrentamento da situação-limite entre a liberdade e a sobrevivência, decide-se. Ao levar o saco de arroz para o local em que mais tarde viria a cometer suicídio, o personagem nos faz refletir a respeito das consequências de um trabalho que desumanizava e inferiorizava os colonizados.

O administrador colonial ao saber do suicídio de Mussa Racua não demonstra nenhum tipo de comoção, pois “Os dramas dos negros não lhe interessam, ou melhor, irritam-no!” (MOMPLÉ, 2004, p. 19). A única coisa com que se preocupa é com os sacos de arroz que pertencem a ele e pede para os seus funcionários irem buscá-los. Podemos identificar o direito consentido à administração como um aparelho ideológico de estado.

O direito colonial concedeu poderes policiais e disciplinares extraordinários à administração colonial, apoiando a imposição de trabalho forçado e tributação dos indígenas. Através deste direito, a administração colonial portuguesa impunha a sua autoridade e preceitos morais, violentando o sujeito africano. (MENESES, 2018, p. 129)

Apoiando-se nesse direito, os colonos exploravam os trabalhadores negros, como o caso do Mussa Racua e de muitos outros que foram submetidos ao trabalho forçado.



O conto se encerra com a fala do administrador “Estes cães assim que lhes cheira a trabalho, arranjam sempre chatices. Ou fogem ou suicidam-se. Maldita raça!” (MOMPLÉ, 2004, p. 21), reforçando a ideia de que os colonos se importavam somente com o lucro que os colonizados os traziam e que os colonizados eram vistos como preguiçosos. Identificamos também na fala do administrador tanto a objetificação quanto a zoomorfização do homem, pois se refere aos trabalhadores como “cães”, e o corpo do homem valia menos que o saco do arroz. Isso fica simbolizado até mesmo na imagem da balança que se forma com o corpo de Mussa Racua mais leve que o saco de arroz.

Outro personagem que transfigura a resignação dos negros é Naftal do conto “Caniço”, que se passa em Lourenço Marques, em 1945, e é narrado em 3ª pessoa por um narrador onisciente. Naftal, que com apenas dezessete anos ajudava a sustentar a casa onde morava com a mãe e os quatro irmãos.

Um dia, Aidinha, a irmã mais velha de Naftal, desapareceu e a família ficou sabendo pela vizinhança que ela foi vista numa casa de prostituição. No caso de Aidinha e de muitas colonizadas, não havia muitas possibilidades de trabalho para ganhar um ordenado maior. Ela trabalhava como aia de meninos, mas mesmo juntando o que recebia com o salário do irmão, mal dava para sobreviver, então “[...] farta de miséria e que sendo negra, não havia outro caminho para se livrar dela” (MOMPLÉ, 2009, p. 28). Ela decidiu abandonar a sua casa e se tornou prostituta, pois, para ela, era a única alternativa encontrada para fugir da miséria que vivia com a família.

Sem a ajuda financeira de Aidinha, a mãe deles, sem alternativa, começou a trabalhar como mainata (doméstica) e teve que deixar os filhos pequenos responsáveis por si mesmos para que não morressem de fome “Os filhos mais novos ficaram assim entregues a si mesmos. E, como lhes está vedado o direito de ir à escola, passam os dias percorrendo sem destino os becos poeirentos do Caniço.” (MOMPLÉ, 2004, p. 29).

Após um curto período de tempo, Aidinha ficou muito doente e teve que interromper o seu trabalho. O pai, que trabalhava nas minas, antes de falecer de tuberculose, em sua última visita, transmitiu a doença à filha. Devido à doença ter começado a apresentar sintomas, ela voltou para casa da mãe para aguardar o dia de sua morte. Segundo Momplé (2004, p. 31): “Naftal aceita a doença e a morte próxima da irmã como aceitou a morte do pai nas minas do John, a miséria quotidiana, o medo e as humilhações. Para ele, tudo faz parte do destino dos negros”.

O conto possui dois bairros como espaço. O primeiro é Caniço, bairro em que Naftal morava, e o outro é o bairro onde os colonizadores moravam. Naftal trabalhava como jardineiro na casa de colonizadores e conforme caminhava até o trabalho, ele percebia a diferença que havia entre os bairros e as pessoas que habitavam no Caniço

Apesar da hora matinal, o bairro já apresenta um aspecto desolador. O sol ainda é fraco, mas já fustiga as palhotas indefesas, prometendo um calor sufocante. Moscas invadem as ruelas de areia solta, zumbindo à volta dos montes de lixo espalhados por toda a parte. Crianças ensonadas e seminuas brincam tristemente junto às portas das palhotas, exibindo os ventres enormes e os rostinhos inchados de anemia. Homens e rapazes de ar sombrio dirigem-se para o trabalho, descalços e rotos. [...] Um cheiro de miséria envolve todo o bairro. (MOMPLÉ, 2004, p. 32).

E “[...] nos bairros onde só residem colonos, erguem-se apenas prédios e vivendas de alvenaria, ladeando ruas e avenidas verdejantes. E o suave aroma dos jardins e das acácias em flor vai substituindo o cheiro de miséria.” (MOMPLÉ, 2004, p. 32). É nítida a diferença apresentada entre os bairros, mas por mais que no bairro dos colonizadores tudo fosse mais belo, Naftal não conseguia apreciar a beleza de nada, pois

A casa, assim silenciosa, com os fartos cortinados corridos, mergulhada na frescura do jardim, transmite uma sensação de tranquilidade e conforto. Mas Naftal sente apenas medo. É como se, sobre a aparente tranquilidade do ambiente, pairasse uma nuvem ameaçadora que a todo o momento pode rebentar sob forma de ameaças, insultos e pancada. (MOMPLÉ, 2004, p. 32)

O medo que Naftal sente é definido como “Violência Atmosférica” por José Luís Cabaço, no artigo *Violências Atmosféricas e Violências Subjectivas: uma experiência pessoal*

Instalava-se o clima de “violência atmosférica”, na feliz designação de Frantz Fanon (1960), que se caracterizava pelo fato de que cada momento da vida dos colonizados estava impregnado de um potencial violento que determinava, a par da opressão física, uma permanente tensão consciente e/ou inconsciente. (CABAÇO, 2011, p. 214)

Certo dia, na casa dos patrões de Naftal houve o sumiço de um relógio de ouro. A culpa, obviamente, é destinada aos empregados: Naftal e o cozinheiro. Os dois são encaminhados à polícia que representa um aparelho repressivo de estado porque é usada a força e a violência para resolver a situação: eles apanham para que um dos dois confesse o furto, mas como não há culpados, não há confissão. Quando o patrão, para quem eles trabalham, retorna para a casa, logo é avisado pela esposa que a filha chegou em casa com

o relógio e pede que ele volte à delegacia para informar que o objeto foi encontrado, mas ele responde: “Ó, filha, deixa-me descansar. Além disso é um mau princípio. A queixa já está lá, não podemos voltar atrás. Deixa-os lá apanhar. É pelas vezes que roubam e não são descobertos. Vamos é jantar que já são horas” (MOMPLÉ, 2004, p. 35).

Mesmo não sendo culpados, os personagens sofreram as consequências antecipadamente. Há um momento em que o narrador revela que Naftal sente vergonha pelo cozinheiro já de idade estar apanhando e, após a leitura do conto, percebemos que eles são acusados e apanham como se fossem bandidos ou saco de pancada apenas por serem negros e colonizados. Segundo Albert Memmi (1977), o colonizado era presumido ladrão e quando sumia algo, a culpa recaía automaticamente sobre ele, mesmo que não houvesse provas. Mesmo negando as acusações, os dois não foram ouvidos. Há, portanto, um acúmulo de características negativas sobre o colonizado.

### **Considerações Finais**

Com base na análise dos contos “Aconteceu em Saua-Saua” e “Caniço”, do livro *Ninguém matou Suhura: estórias que ilustram a história* (2004), da autora moçambicana Lília Momplé, sob uma abordagem da crítica dos estudos pós-coloniais, foi possível identificar as estratégias utilizadas para colonizar os nativos de Moçambique, bem como evidenciar as consequências que recaíram sobre os colonizados a partir do processo de colonização portuguesa.

Dessa forma, através dos personagens Mussa Racua e Naftal, apontamos o olhar do colonizador sobre o colonizado, o nativo da colônia, que sofreu com a imposição cultural, com o discurso colonial e com a violência física e psicológica, assim como a exploração de seu trabalho e a perda de sua liberdade e dignidade.

Com isso, concluímos que os contos que ora foram analisados, evidenciam uma realidade que foi vivida, de fato, durante o período de colonização e traz, a partir da construção de personagens comuns que viviam na colônia, uma denúncia e uma reflexão a respeito do colonialismo que deixou marcas na sociedade.

Por fim, ressaltamos a importância da literatura pós-colonial para que haja uma desconstrução e, conseqüentemente, uma ressignificação do processo de colonização. Os enredos dos contos que foram analisados neste trabalho, denunciam e nos dão a oportunidade de conhecer o outra “face” da história oficial.

## Referências

- ALTHUSSER, Louis. *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*. 3 ed. Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes, 1980.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- \_\_\_\_\_. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: BONICCI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. Maringá: Edum, 2009. p. 257-283.
- CABAÇO, José Luís. *Violências Atmosféricas e Violências Subjectivas: uma experiência pessoal*. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/fCrwnBsGN56CzrDqfNwm4cj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10/03/2022.
- COSTA, Silvaneide da Silva. *Estórias que ilustram a história: as narrativas ficcionais de Lília Momplé*. Disponível em: [https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015\\_1456150834.pdf](https://abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456150834.pdf). Acesso em: 20/12/2021.
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FOSTER, E. M. Pessoas. In: \_\_\_\_\_. *Aspectos do romance*. 4. ed. São Paulo: Globo, 2005. p. 69-88.
- MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- MENESES, Maria Paula. Colonialismo como violência: a “missão civilizadora” de Portugal em Moçambique. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. [S.l.]. número especial, p. 115-140, nov. 2018. DOI 10.4000/rccs.7741
- MOMPLÉ, Lília. *Ninguém matou Suhura: estórias que ilustram a História*. 2. ed. [S.l.]: Edição da Autora, 2004.
- NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sonia Maria Gomes. Pós-colonialismos: promovendo diálogos. In: FERREIRA, Carlos Roberto Wensing; PISSINATTI, Larissa Gotti; FERREIRA, Uryelton de Sousa (Org.). *Pós-colonialismos: uma leitura política dos textos literários*. São Carlos: Scienza, 2016. p. 11-22.
- ROSENFELD, Anatol. Literatura e Personagem. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 9-50.